



Jornal Corredor: Um estudo inicial de **Folkjornalismo no Cerrado Matogrossense**¹

Marcela Fernanda PAVÃO²

Fábio Faria PIRES³

Marcos A. Santos SILVA⁴

Weverton Velasco DAVID⁵

Lawrenberg Advincula da SILVA⁶

Universidade do Estado de Mato Grosso, Mato Grosso, MT

RESUMO

Ao refletir sobre o conceito do “tático” na formação profissional em Jornalismo no interior de Mato Grosso, o presente artigo constitui ponto-de-partida para estudos pioneiros no cerrado brasileiro acerca da relação das contribuições da teoria beltraniana na produção laboratorial de jornais murais, em condições semirrurais de urbanização. Em outras palavras, o esforço aqui está em pensar um ensino de Jornalismo no contexto das rurbanidades, tendo por objeto de análise o perfil folkcomunicacional das “improvisações” demandadas na concepção laboratorial da primeira edição do jornal Corredor, desenvolvido com a turma do terceiro semestre de Jornalismo da disciplina de Planejamento Gráfico, ao longo do segundo semestre de 2016. Entende-se por improvisações: o uso alternativo de softwares de editoração eletrônica, a simulação de fluxo produtivo, produção gráfica e até a própria sintaxe visual. E os resultados apresentados, além de revelarem a aproximação destes processos gráfico-editoriais com práticas rudimentares de comunicação, pretendem sugerir medidas alternativas para a amenizar o ônus tecnológico e de infraestrutura ao qual a maioria dos cursos de Comunicação no interior do Brasil está submetida.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Folkjornalismo; Planejamento Gráfico; Jornal Corredor; rurbanidades.

Introdução: um debate inicial sobre o perfil da imprensa brasileira

Quando a aula inaugural é de História da Imprensa nos cursos de Jornalismo no Brasil, talvez o primeiro tópico a ser (re)apresentado seja a do primeiro jornal impresso, o Correio Brasiliense, que foi produzido em 1808. Este jornal, capitaneado por Hipólito da Costa, teve sua produção e impressão na cidade de Londres, Inglaterra, num período

¹ Trabalho a ser apresentado no GT 2 – Morfologia da Folkcomunicação: Gêneros e formatos, da 18ª Conferência Nacional de Folkcomunicação – Folkcomunicação, cidadania e inclusão social no contexto das rurbanidades. Recife, 2 a 5 de maio, 2017.

² Estudante de Graduação 4º semestre do curso de Jornalismo da Unemat, email: marcelapavao1@hotmail.com

³ Estudante de Graduação 4º semestre do Curso de Jornalismo da Unemat, email: fabiopires46@live.com

⁴ Estudante de Graduação 4º semestre da Unemat, email: marcos.jornalista12@gmail.com

⁵ Estudante de Graduação 4º semestre da Unemat, email: wevertonvelasco.d@hotmail.com

⁶ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo Unemat, email: lawrenberg@gmail.com

na qual toda publicação que fizesse crítica à corte portuguesa acabava sofrendo uma censura política. Com uma tiragem direcionada para os luso-brasileiros de classe média, grupo que sabia ler no Brasil colonial, a circulação do jornal impulsionou a formação de uma geração emergente de leitores de jornal, ainda que o analfabetismo alcançasse 80 a 90% da população residente nas principais cidades brasileiras e as primeiras máquinas de imprensa em papel só chegariam no século XIX – quase dois séculos depois ao advento dos jornais impressos na Europa.

Em outras palavras, a publicação do Correio Brasiliense, ao lado da Gazeta, da Coroa Portuguesa, acabou introduzindo o jornalismo na sociedade tupiniquim como um importante instrumento de formação cultural e influência social, mas só que nunca negando uma herança elitizada, burguesa e, com a revolução industrial, capitalista. O que, segundo o jornalista e historiador Nelson Werneck Sodré (1999, p.10), em seu livro a História da Imprensa no Brasil, é exposta da seguinte forma: “nasceu com o capitalismo e acompanhou o seu desenvolvimento”.

Enquanto porta-voz de valores de um *status quo* burguês, não é absurdo tampouco desonestidade intelectual afirmar que a imprensa escrita brasileira se desenvolveu a partir das interferências e tendências de um mercado que, quando não era iminentemente aristocrático-escravocrata, representava o ideário de um mundo mercantilista e financeirizado de abrangência transnacional. Característica esta que, não por acaso, justifica o porquê de estudiosos em Comunicação atribuir a alcunha de Grande Mídia aos veículos mais tradicionais. Sobretudo, quando analisada a partir de uma perspectiva neomarxista, isto é, quando relacionada com o perfil de quem adquire concessão de veículos de comunicação ou com o perfil de sua agenda de notícias, na maioria das vezes, voltada para os interesses particulares dos seus investidores.

Já no início do século XX, a indústria gráfica se modernizou, passando a imprimir jornais e revistas em larga escala e através técnicas gráficas mais mecânicas e menos artesanais, então inexistentes naquela época no país. Segundo Ribeiro (2007), a diagramação de jornais passou por uma revolução visual, ao inserir fotografias em diversos, tipografias criativas e uma variação maior do tamanho de colunas e espaçamentos das margens. Enquanto, por outro lado, o leitor, influenciado pelo



**XVIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Recife-PE, 02 a 05 de maio de 2017 – UFRPE/FACIPE**

advento do cinema e depois a chegada da televisão, já se tornava mais espectador de imagens do que propriamente apreciador de textos de livros.

Junto com estas mudanças na parte produtiva, estética e cultural dos jornais, o Brasil foi proclamado república, adotando o presidencialismo e, do ponto de vista sociocultural, deixando de ser um país agrário. Desta transição socioeconômica e simbólica, nomes como Assis Chateaubriant, Carlos Lacerda, Samuel Wainer e Getúlio Vargas emergiram como protagonistas das forças entre governo e imprensa na década de 30, numa relação oscilante entre imprensa e poder que se mostra cada vez mais promiscua nos dias atuais. E em se tratando dos estudos da cultura popular, significou uma remodelação profunda em relação às práticas e ritos do povo, antes miradas nas representações da vida no campo, e depois influenciadas com o culto da vida industrial, sobretudo, nas relações de trabalho.

Em certa medida, a modernização dos jornais e do imaginário social está diretamente ligada ao surgimento dos novos segmentos de exclusão na população brasileira – antes pobre, periférico, iletrado, e agora, tudo isso e mais não-leitor de jornal e excluído dos sistemas comunicativos vigentes. E mais: além de reproduzir uma ideologia dominante nas suas manchetes e formas de perceber o mundo, o quadro de profissionais ainda era restrito para gente de tez escura, rendimento baixo e mulher. Ainda que os impressos tenham ocupado lugar precípuo nas campanhas abolicionistas, havia poucos negros e mulheres nas redações de jornais como o Estadão, a Folha de S. Paulo ou Gazeta Mercantil.

Esta condição hegemônica da produção e formação dos quadros profissionais do jornal não somente influenciaria na cristalização de valores de mundo eurocêntricos no cotidiano dos mais variados grupos humanos do Brasil, residentes na capital ou interior, mas superestimaria os primeiros em relação à tudo que rompesse aos seus cânones, regras e sistemas de legitimação. Sobretudo, no que tange o significado de cultura letrada e saberes formais, em detrimento da tradição oral e os conhecimentos informais. O jornal, por mais que popularizasse com a cobertura do futebol e o resumo das radionovelas na década de 1940 e 1950, ao não abandonar a sua condição-penduricalho com os poderes dirigentes somente reforçaria o capital simbólico das elites diante das camadas populares.

No caso do presente artigo, esta condição exposta, hegemônica e excludente, logo se é notada na diferença do processo de produtivo dos jornais nos grandes centros, onde conta com uma farta disponibilidade tanto de recursos humanos, econômicos e gráficos, e as cidades pequenas, onde a inevitável escassez quase de tudo obriga os profissionais à busca de soluções paliativas. Em outras palavras, falamos de uma oposição de cenários de produção gráfica e editorial que evidenciam outros já existentes e novos, dentre eles: o do imaginário cosmopolita-globalizado versus o rural-local, o da formação e produção especializada e patrocinada por marcas corporativas transnacionais versus o saber informal e patrocinado pelo capital comunitário e de varejo, o de Jornalismo pós-industrial e de editoração digital versus o Jornalismo artesanal e gerenciado por um mix de saberes táticos. Trata-se de perspectivas diferentes de sistemas comunicativos, cujo arcabouço teórico da teoria da folkcomunicação, sobretudo, a partir do conceito de canais folk de comunicação, parece-nos emblemático para afirmar em quais lugares e condições de interlocução um Jornalismo em contextos rurbanos de urbanização deve agir politicamente em face das lógicas tradicionais e dominantes da tal Grande Mídia.

Muitos periódicos artesanais são produzidos no interior do país por faltas de equipamentos, nos quais seus produtores, jornalistas recém-formados ou semiprofissionais, empoderam-se de formas mais baratas para produzir notícias e divulgar seu trabalho. Alternativas como jornal mural, que de certa forma pode se considerar uma alternativa para manter a população informada dos acontecimentos da cidade dentro de uma periodicidade adequada, aliada a um baixo custo de impressão e formato de fácil aceitação para a população em geral.

Numa definição genérica, pode-se ponderar que o jornal mural em sua produção tem como intuito trazer notícias do cotidiano da sociedade, dando voz a população local e visibilidade aos acontecimentos da cidade e município. A produção se baseia na informação interna. E em Alto Araguaia, cidade de 17 mil habitantes (IBGE, 2016) e situada na região Sudeste de Mato Grosso, não é diferente. Lá, desde a instalação do curso de Jornalismo em 2006, já foram produzidos mais de 10 títulos (O Paredão, O Curioso, Araguaia, Jornaia, FocaNews, Ainda sem nome, InfoAia, etc), sendo que o último, Jornal Corredor, constitui em nosso objeto de estudo.

O jornal-mural Corredor é um projeto laboratorial da disciplina de Planejamento Gráfico, da turma do terceiro semestre de Jornalismo, do campus universitário da cidade de Alto Araguaia, um dos poucos no Brasil funcionando em cidade com menos de 30 mil habitantes. A publicação logrou de duas edições, sendo a primeira no segundo semestre de 2016. Ao todo, são 18 estudantes envolvidos no projeto, divididos nas funções de repórter, edição textual, diagramação, revisão, impressor e arte-finalista, além da supervisão do professor da disciplina e co-autor deste artigo, o professor Lawrenberg Silva. Mas é, sem sombra de dúvidas, no processo produtivo e no projeto gráfico que reside a inovação tática, ou, o que sociólogo português Boaventura de Sousa (2004) vem denominar de rebeldia competente. Diferentemente das publicações do gênero, o jornal Corredor teve em sua produção jornalística e gráfica o uso de equipamentos e técnicas alternativas.

Assim exposto: o presente trabalho tem por objeto de análise a experiência de produção do jornal Corredor. Do ponto de vista metodológico, o desenvolvimento do projeto se dividiu em quatro etapas distintas: 1) estudo de folkjornalismo, 2) diagnóstico editorial, 3) produção jornalística e gráfica e 4) impressão e distribuição. E em todas as etapas demandou a participação dos estudantes e a supervisão do professor da disciplina, de modo a verificar a relação das leituras debatidas em sala de aula e laboratório com as problemáticas sociais da localidade.

O arcabouço teórico do trabalho se fundamenta nos estudos de folkcomunicação (BELTRÃO) e folkjornalismo, de Jornalismo Impresso (Ribeiro, 2007; Noblat, 2010), além de uma gama de referências acerca das particularidades locais. Tem-se por hipótese de que o fomento de jornais, em formato pocket (de bolso), impresso em papel offset colorido e distribuído em bairros de renda baixa em Alto Araguaia, acaba informando e, principalmente, estimulando o hábito de leitura em indivíduos com formação escolar incompleta, uma vez que estes, numa releitura de Bourdieu (1998), são, na maioria das vezes e historicamente, desprovidas de capital cultural. Deste modo, pode-se constatar por meio dos resultados obtidos até o momento de que este trabalho acaba contribuindo para um melhor entendimento do jornal impresso como instrumento de alfabetização e inclusão cultural em contextos adversos de letramento e geograficamente distantes de serviços públicos essenciais, tais como saúde, educação;

ou, em se tratando de sociedade da informação, com ausência parcial ou total de uma conexão à internet.

Folkjornalismo, imprensa e a experiência do Jornal-Corredor

Ao relacionar uma breve trajetória da imprensa escrita brasileira com a produção laboratorial de jornal mural num curso de jornalismo situado no interior do interior do Brasil, logo pensamos na dialética existente entre a pesquisa e a prática em Jornalismo com as contribuições da teoria da Folkcomunicação, e mais especificamente, do jornalista e professor Luiz Beltrão, tanto na compreensão do papel desempenhado pelos fanzines e o Pasquim durante a ditadura civil-militar brasileira, entre 1964-85, quanto nos jornais-murais dos campi universitários situados nos mais distantes rincões do país. Considerada uma teoria em comunicação genuinamente brasileira, veio o interesse nosso em mergulhar nas premissas desta teoria dedicadas à sugestão de um Jornalismo para além da retórica funcionalista norte-americana e dos designios metodológicos das escolas europeias. Pensamos no folkjornalismo (BELTRÃO, 2001), crente na necessidade de se trabalhar e tentar compreender o lugar-comum do jornalismo popular diante de um cenário sociopolítico tão compulsoriamente dominado por uma versão da(s) história (s).

Primeiramente: tem-se em vista a folkcomunicação como a prática da comunicação popular, assim como destaca Beltrão (2001, p.79): “processo de intercâmbio de informações e manifestação de opiniões, ideias e atitudes de massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore” (BELTRÃO, 2001, P. 79). Nesse contexto, o percurso metodológico aqui passa, inicialmente, por um estudo sobre folkcomunicação, ao se fazer uma alusão ao aspecto jornalístico, no qual emerge pela possibilidade de formação do espírito crítico das classes populares ou mesmo marginalizada da população.

Também vale lembrar que quaisquer processos de editoração comum demanda o uso de repertórios culturais dos envolvidos. Assim sendo, trazendo à luz Beltrão (2001), pode-se dizer que o papel do jornalista na folkcomunicação destaca-se pela capacidade de mediação entre os consumidores da notícia, ditos marginalizados e os meios populares de comunicação, tanto no fortalecimento da identidade popular e manutenção

de determinada cultura quanto na transmissão de novos e estruturação da sabedoria popular.

Ao relacionarmos o exercício às práticas folkcomunicaçãois, há de se considerar Nordelles e Martins (2015, p. 02), cujo papel do Jornalismo na folkcomunicação se destaca, sobretudo pela capacidade de mediação dos meios e agentes, tanto no fortalecimento da identidade popular e manutenção de determinada cultura quanto na transmissão de novos saberes e estruturação da sabedoria popular.

Neste sentido, para definirmos o diagnóstico editorial do jornal foi pensando o tipo de público, no que significa imaginar demanda por informação para a sociedade marginalizada num país como o Brasil, sobretudo aquela aglomerada nas regiões periféricas do município e conceituada por Beltrão (1980) como grupos urbanos marginalizados. Para isso, traçou-se o perfil da população de Alto Araguaia residente nos bairros mais afastados, chegando a conclusão de ser compreendida por trabalhadores informais, de ensino médio incompleto e oriundas das regiões Nordeste e Norte do país. Pensou-se ainda em uma linguagem coloquial, clara e objetiva para tratar de assuntos relacionados à política, economia, segurança, esporte, cultura e sociedade, tendo por referencia a obra Muralhas da Linguagem (2004), do comunicólogo Vitto Gianotti. Afinal, como já dizia Alsina (apud NORDELLES e MARTINS, 2015, p.55): “Não concebemos a objetividade como a enunciação da verdade absoluta, e sim como um esforço para que a notícia seja percebida possa ser decodificada”.

Na fase de produção jornalística e gráfica, houve uma preocupação na escolha de um método que propiciasse a interação entre sala de aula, atividade laboratorial e prática de campo. E, após uma pesquisa de literatura, optou-se pelo método de Pesquisa-ação, do qual, segundo o professor David Tripp (2005), caracteriza-se pela investigação do aprofundamento de uma prática a partir da vivência e teste projeto do próprio pesquisador. Trata-se de um método já identificado na pedagogia do oprimido de Paulo Freire e dentro do legado beltraniano já observado nos estudos dirigidos de jornais pernambucanos de Luiz Beltrão.

Jornal Corredor: Folkjornalismo e uma alternativa de circuito editorial para o interior de Mato Grosso e Brasil

Quando se discute projeto gráfico de jornal, os conhecimentos acadêmicos das áreas de Planejamento Gráfico e Design são patentes em afirmar a sua importância para o desenho da identidade e personalidade de todo impresso. Seja nas obras do professor Antônio Celso Collaro, de André Villas-Boas, ou do pesquisador Luciano Guimarães, o que prevalece é uma clara preocupação na interação forma e conteúdo, estética e informação, então elementos que devem se complementar para que a publicação, além de possuir uma leitura agradável, atinja seus objetivos editoriais. Só que na maioria dos jornais de cidades pequenas, nem sempre é possível contar com profissionais especializados na diagramação, tampouco de gráficos que garantam o mínimo de qualidade gráfica aos jornais. O que mais se constata são publicações de produção gráfica modesta, cujo processo produtivo se mostra muito aquém ao esperado nas redações convencionais (Desktop Publishing), então caracterizadas por reuniões de pautas, a setorização das coberturas jornalísticas, a editoração eletrônica e digital do jornal e a sua impressão em larga escala.

Não é preciso ir muito longe para depararmos com estes processos artesanais de produção do jornal. No Cerrado mato-grossense, a constatação destas publicações artesanais revela mais a resistência em se fazer jornalismo em condições adversas de mercado, mas, principalmente, de hábitos culturais da população. Estamos referindo de lugares onde o analfabetismo é latente, a profissionalização da imprensa um risco para a manutenção dos poderes estabelecidos localmente e a leitura de jornal e revista constitui desafios a serem conquistados não somente por proprietários de veículos de comunicação, mas corresponde plataforma política para as secretarias de Educação e Cultura.

Em se tratando do ensino e da formação acadêmica em Jornalismo, propor experiências que rompam com a retórica do reprodutivismo constitui uma ousadia, de fato. Principalmente quando esta ousadia desafia o determinismo tecnológico como mola-propulsora e moral de respostas competitivas dos órgãos reguladoras do ensino superior (MEC e Conselho de Educação), ao passo de deslegitimar quaisquer tentativas contrárias ao uso de dispositivos tecnológicos. No campus universitário de Alto Araguaia, a experiência da produção de jornal-mural, mais do que introduzir debates acerca da importância do folkjornalismo e, por tabela, de ações extensionistas que frisam o papel do agente-comunicador e da necessidade de forjar canais folk, possibilitou pensar o método de Pesquisa-ação para experimentos

folkcomunicativos, como proposta política de formação em disciplinas laboratoriais que visem superar o ônus histórico de infraestrutura e de recursos humanos do ensino em instituições públicas no semirrural brasileiro.

A partir desta perspectiva, pode-se dizer que o desenvolvimento do Jornal Corredor se deu para simular condições de prática próximas das encontradas no mercado editorial regional, mas, acima de tudo, dotar os estudantes de um senso de atuação profissional mais comprometido com as camadas populares, principalmente, aquelas subletradas e cujo perfil de formação cultural é mais via transmissão oral do que escrita.

Do ponto de vista editorial, privilegiou-se matérias relacionadas ao cotidiano de estudantes universitários de baixa renda e da população mais desassistida pelas políticas públicas municipais. Ao todo, foram produzidas 9 seções: Editorial, Opinião e Mídia, Cidades, Política, Economia, Sociedade, Identidade, Esporte e Universidade; com ênfase em textos perfis, imagens grandes e uso de gráficos didáticos para traduzir números complexos em informações de domínio público.

Do ponto de vista gráfico, além de uma tipografia com boa legibilidade, Tw Cent, da diagramação horizontal, a escolha do papel talvez seja o ponto principal do planejamento do jornal, de modo a gerar um impacto diante dos mais diversos leitores. Além do papel branco, escolheu-se como cores o amarelo, o verde, o azul e o rosa; tendo por referencia a policromia dos folhetos de literatura de cordel. A opção gráfica constitui uma ação em folkjornalismo uma vez que se caracteriza pela adaptação de:

- 1) De um formato industrial de jornal, o jornal-mural de formato A4 a tablóide, para um formato menor e próximo do tamanho de livreto, A5;
- 2) De um modelo de impressão offset para impressão comum, via cópia e semelhante a lógica de reprodução dos fanzines;
- 3) De um modelo de papel, offset ou acetinado, para sulfite colorido,
- 4) De uma tipografia mais tradicional para uma tipografia mais impactante, com recursos que valorizam o destaque das manchetes (negrito e CAIXA ALTA);
- 5) De um modo de produção (DTP) que privilegia softwares avançados de editoração como o adobe ilustrator, o adobe In design e corel draw x7, para o uso do power point como ferramenta alternativa para produção gráfica, em se tratando de estudantes universitários de baixa renda.

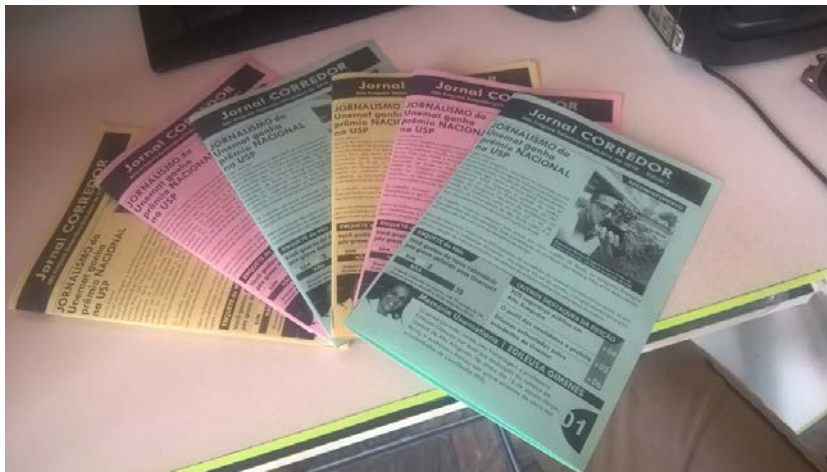


Fig. 1: 6 exemplares do jornal Corredor, nas cores: amarelo, rosa e verde.

Estas questões “artesanal” de produção e planejamento editorial-gráfico do Jornal Corredor reafirmam as características dos processos folkcomunicativos, sobretudo, no que diz respeito a tradução de formatos industriais, massivos, em formatos mais populares e acessíveis aos grupos considerados marginalizados. Mas é no sistema produtivo que as comparações entre a produção industrial (e pós) com a sua versão artesanal ficam mais evidentes. Tal como Beltrão havia proposto um sistema comunicativo paralelo ao sistema funcionalista norte-americano, na qual a figura do líder folk e os canais folk ampliava a percepção do processo midiático para além do paradigma midiacentrico, a comparação abaixo evidencia as diferenças dos Circuitos editoriais de produção, circulação e consumo de jornal hegemônico-industrial e contra-hegemonico-artesanal.

Circuito editorial tradicional de Jornal

PRODUÇÃO DO JORNAL - Equipes de reportagem com profissionais com formação especializada (stricto sensu e técnica) - Equipamentos de ponta, como câmeras fotográficas, gravadores; - Transporte garantido ao local de reportagem - Área de cobertura jornalística: instituições, áreas centrais e fontes oficiais.
EDIÇÃO DO JORNAL(Espaços e profissionais especializados para redação, edição e diagramação do jornal)
IMPRESSÃO DO JORNAL - Gráfica de grande porte - Impressoras modernas e com impressão em em larga escala)
DISTRIBUIÇÃO DO JORNAL - Logística voltada para atender revistarias, mercados, assinantes e interior do estado
LEITORES DE JORNAL - Profissionais autônomos, preferencialmente)

Circuito editorial artesanal de Jornal

PRODUÇÃO DO JORNAL - Equipes de reportagem com profissionais com formação semiespecializada, ou em condições de subemprego. Isto é, constituem indivíduos com salários abaixo dos recebidos por seus pares profissionais. Segundo Beltrão (1980, 55), acabam compreendendo os rupos urbanos marginalizados. - Equipamentos de segunda linha, improvisados, ou adquiridos de forma informal. (Ex.: celular com câmera adquirido via comércio ambulante.); - Transporte por conta própria do repórter. - Área de cobertura jornalística: pequenas comunidades (rurais) e fontes não-oficiais.
EDIÇÃO DO JORNAL Espaços improvisados e profissionais semi-especializados e demais trabalhadores empoderados.
IMPRESSÃO DO JORNAL - Gráfica pequena ou artesanal, - Impressoras copiadoras, comuns.
DISTRIBUIÇÃO DO JORNAL - Logística voltada para a comunidade, o bairro, o local.
LEITORES DE JORNAL - População de bairros de baixa renda.

Fig. 2: Tabelas do Circuito editorial hegemônico e o contra-hegemônico.

Neste cenário de práticas semiprofissionalizadas/improvisadas, o sentido do folclore irrompe como ponte que une o desejo por modernidade diante dos flertes constantes do capitalismo informacional do século XXI com as suas versões grotescas. O jornal, o jornalismo e a função de jornalista nem sempre são exercidos por profissionais de formação especializada. Ao invés de equipamentos tecnológicos de ponta para apuração e a investigação de dados (Reportagem assistida por Computador), sobressai a capacidade orgânica do instinto e do senso de furo jornalístico dos agentes envolvidos. A memória digital dos gravadores, na maioria das vezes, pode ser improvisada pela memória, o bloco de notas, então usadas em boa parte do século XX. A prática artesanal conjuga um misto de nostalgia e um pouco de rebeldia, ainda que esta última feita geralmente de forma inconsciente. Na fase da redação, o vocabulário limitado e com linguagem informal de jornais de circulação mais comunitária do que empresarial, contrastam-se com a erudição dos articulistas e jornalistas especializados das publicações da capital. O sentido de credibilidade e influencia social parecem variar conforme o nível de especialização do mercado profissional e propriamente da elite econômica local.

Em se tratando do processo gráfico, quando as publicações não são integralmente improvisadas, a partir da colagem e a feitura manual, vale observar a substituição da editoração eletrônica-visual convencional com softwares de ponta, sobretudo, aqueles da adobe (in design, photoshop) e o corel draw, por softwares mais antigos, tais como: o microsoft power point. Nestas experiências sobram criatividade, evidenciando um sincretismo que, além de envolver técnicas de resistência a um modelo hegemônico de produção gráfica com computadores multimidiáticos da Mcintosh e câmeras fotográficas da Nikon, ressalta-se um desejo de diálogo com o imaginário folclórico de um mundo independente aos designs de celulares, seriados da netflix e sons remixados dos ipods.

O Jornal Mural Corredor possui 12 páginas, em tamanho A5 (21x16) e impressão em preto e branco com tiragem de 150 exemplares, através de uma impressora comum, na xerocadora situada em frente ao campus universitário. Para a impressão foi feita uma “vaquinha” entre professores e estudantes, o que evidencia a ausência de verba institucional para atividades do gênero na universidade. Ao todo, a



publicação é dividida em nove sessões: Editorial, Esporte, Opinião e Mídia, Cidade, Universidade, Economia, Sociedade, Identidade e Política.

Na redação das reportagens, notícias, cabeças de entrevista e de infográficos, privilegiou textos curtos, perfis, com grandes imagens e gráficos simples para o maior entendimento da população. Segundo Ribeiro (2007), a redação curta e o uso de imagens geram maior adesão de leitores pouco aficionados pela leitura.

Já na diagramação buscou o uso de poucas colunas e a valorização de títulos em caixa-alta. Conforme convenções dos estudiosos em tipografia, a caixa-alta no texto chama atenção, é como se fosse um grito.

Impressão e Distribuição do Jornal Mural “Corredor”: Uma experiência inicial de Antropologia do/de Jornal-mural

A distribuição do jornal Corredor foi feita em bairros afastados Maria das Graças, Vila Aeroporto, Parque Cerrado e Jardim Novo Araguaia, caracterizados por total ou parcial ausência de saneamento básico, pavimentação asfáltica, iluminação pública e áreas de lazer. Passando de casa em casa e batendo na porta de todas as casas, oferecíamos os jornais. A entrega de jornal e o contato direto com os leitores possibilitaram uma experiência etnográfica inédita, uma vez que mais que perguntas relativas ao conhecimento do jornal, havia um breve levantamento sobre os gostos e hábitos de leitura e de mídia, bem como os usos e satisfações do impresso no cotidiano daquele morador. A interação durava cerca de 10 a 20 minutos, a partir de uma metodologia de incursão que abrangia a gravação de entrevista tanto dos leitores quanto dos estudantes envolvidos no processo, o registro fotográfico do ambiente e do contato inicial e final. Ou seja: uma antropologia do jornal, a partir do momento que privilegiava checar a impressão cultural dos leitores emergentes e dos envolvidos em relação à publicação.

Fig. 3: Experiência de entrega dos jornais com entrevistas e observação participante.



“A recompensa maior desse trabalho não foi às notas ou o jornal impresso, mas sim a gratificação de saber que pessoas menos favorecidas e de baixa renda obtiveram informações e reconhecimento. Pois do que adianta ter um jornal impresso e seus leitores que realmente precisam estar por dentro das informações não receberem. Cada sorriso, aperto de mão, e agradecimento só nos fizeram entender que os obstáculos maiores não estão em equipamentos ou na estrutura da faculdade, mas sim na força e no desempenho dos alunos e no incentivo do professor. Que no caso desse trabalho mostrou total apoio aos alunos e teve o dos mais importantes papel nessa produção, o encorajamento e a dedicação para cada aluno.”

(MARCELA PAVÃO, 12/12/2016)

De acordo com Fábio Pires (12/12/2016), um dos alunos envolvidos no processo, uma das maiores dificuldades no trabalho de entrega com observação participante era o receio dos moradores residentes nas casas mais distantes em relação ao Jornalismo. “Havia um medo do morador. Tínhamos que explicar detalhadamente a ideia do projeto antes de entregar o jornal. Havia alguns que quando via a gente no vizinho já fechava as portas.”

Ao todo, foram entregues 80 jornais e entrevistados 30 moradores, no período de 11 a 18 de dezembro de 2016. Durante as entrevistas, foram verificados hábitos de leitura de jornal, a percepção sobre algumas publicações impressas; ao passo de constarmos que uma considerada maioria possuía ou já tinha possuído um exemplar do jornal da igreja Universal, o Folha Universal. O que, em certa medida, reafirma a teoria de Beltrão dos agentes-comunicadores, então caracterizados por líderes

comunitários ou formadores de opinião pública que exercem influencia nos modos de acesso aos conteúdos midiáticos.

No caso, nos bairros Maria das Graças e Parque Cerrado, de baixa renda, notamos a presença de 2 a 3 igrejas evangélicas. Nelas, o jornal Folha Universal é distribuído e prescrito como leitura aos demais moradores, num processo que, diferente do hegemônico, na qual o formador de opinião possui uma relação com as classes A e B (AMARAL, 2006), teríamos como agentes intermediadores pastores e seus seguidores, e audiência folk, moradores de baixa renda, ensino médio incompleto, entendidos por Beltrão (1980) na condição de grupos urbanos e rurais marginalizados.

Considerações finais

É preciso lembrar que este artigo esboça uma discussão inicial para futuras abordagens mais aprofundadas acerca do folkjornalismo no ensino laboratorial do Jornalismo em contextos semirrurais de urbanização no Cerrado brasileiro, bem como, do uso do método da pesquisa-ação atrelada aos estudos acadêmicos nas Ciências Humanas e Sociais. No âmbito do debate de formatos folkcomunicativos, a produção acadêmica de jornais-murais abrange o que a inter-relação entre a literatura de cordel e os folhetos populares possuem de mais subversivos: sua arte de driblar as lógicas dominantes da literatura formal e o mercado editorial dominante.

Pode-se concluir também, e parcialmente, que o presente artigo tende a apontar um campo de possibilidades em relação ao método da Pesquisa-Ação enquanto interface para pesquisa em folkcomunicação no âmbito do ensino. Na medida em que mais do que a verificação de uma experiência folkcomunicativa, busca compreender os processos demandados na produção do jornal e o perfil de sua recepção na comunidade.

A experiência vivida, foi marcante para cada estudante, desde as escolhas das pautas, a conclusão das matérias. O trabalho exausto durante a produção, no primeiro momento tornou-se prazeroso para todos, pois produzir um jornal mural, direcionado aos cidadãos de bairros marginalizados da cidade, despertaram o prazer de contribuir e dar “voz”, a população carente que vive esquecida pela mídia e poder público.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo Popular**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Lugares de fala do leitor no diário gaúcho**. Porto Alegre, 2004. 270 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, UFRGS, Porto Alegre (RS), 2004.



ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue: um estudo do Sensacionalismo na imprensa**. São Paulo: Summus, 1994.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: A comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura, 2003**.

COLLARO, A. C. **Projeto gráfico – Teoria e Prática da Diagramação**. 3. ed. São Paulo: Summus, 2002.

GIANNOTTI, V. **Muralhas da Linguagem**. Rio de Janeiro: [Mauad](#), 2004

GONÇALVES, L. **Jornalismo Esportivo nas redes sociais em MT: um estudo netnográfico da cobertura do futebol via facebook**. Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo: Unemat, 2012.

MARQUES, L. H. **Teoria e prática de redação para jornalismo impresso**. Bauru: EDUSC, 2003.

MEYER, P. **Os jornais podem desaparecer?** São Paulo: Contexto, 2007.

NOBLAT, R. **A arte de fazer um jornal diário**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

NORDELLES, B., MARTINS, M., **O folhjournalismo como prática profissional: um modelo de ação na imprensa popular e na imprensa de vanguarda**. Estudo jornalismo e mídia, v.12, n.1, janeiro a junho, 2015.

RIBEIRO, M. **Planejamento visual gráfico**. 10. ed. Rev. e Amp. Brasília: LGE Editora, 2007.

SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil**, São Paulo, ed. Mauad, 1999.

TRIPP, D. **Pesquisa-ação: Uma introdução metodológica**. Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005

VILLAS-BOAS, André. **Produção gráfica para designers**. 3. ed. Rio de Janeiro: 2AB, 2010.